

críticas outras. Salvou-as, sem a menor dúvida, a arte da caricatura, que teve, nessa época, grandes nomes a praticá-la e a dar-lhe um sentido, um conteúdo e uma qualidade de execução, uma forma, insuperáveis. É o grande, profundo e significativo aspecto que apresentam. Limitadas à literatice, teriam sido inócuas e não teriam alcançado a penetração relativa que alcançaram. A prova disso está no malogro da única tentativa séria que, a rigor, e no terreno puramente literário, foi então empreendida: a da revista *Floreal*, fundada, em 1907, por Lima Barreto⁽²²⁰⁾. A redação era na rua Sete de Setembro; os redatores contribuía com 10 ou 20 mil réis para mantê-la. Mas a revista não conseguiu impor-se: vendeu apenas 38 exemplares do primeiro número; 82 do segundo; recebeu o elogio de José Veríssimo, no terceiro; morreu, com o quarto, já em 1908: Lima Barreto tentou, sem resultado, entrar para o *Fon-Fon*. No número de apresentação, escreveu: “Não acredito, também, que os nossos literatos amem o povo, interessem-se pela sua sorte, achem nele poesia, matéria-prima para as suas obras”⁽²²¹⁾. Lima Barreto completaria o *Isaiás Caminha*, cuja publicação iniciara na *Floreal*, encontrando enormes dificuldades para editá-lo. Garnier só publicava os nomes consagrados; a casa era dirigida, agora, de Paris, por Hyppolyte Garnier, que jamais veio ao Brasil, “velho rico, ignorante das nossas coisas, certamente já mentecapto”, conforme diagnosticava o romancista, acrescentando que o seu critério editorial era o pistolão, editando diplomatas⁽²²²⁾.

(220) “Um ano antes, porém, da morte de Machado de Assis — tomada aqui como data simbólica do fim da literatura oitocentista — um sintoma de reação se fez sentir: uma revista de moços, *Floreal*, surgira como ‘um tentame de escapar às injunções dos mandarinatos literários, ao formulário das regras de toda sorte que nos comprimem de modo tão insólito no momento atual’. Dirigia-a Afonso Henriques de Lima Barreto, que nela começava a publicar as *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*, livro de inspiração e timbre inteiramente brasileiros. (...) No meio da alegre superficialidade, ressoava subitamente, uma voz áspera e amarga, o drama interrompia a opereta, a revolta explodia do seio da amenidade, um atormentado reclamava o direito de se fazer ouvir dos descuidados”. (Lúcia Miguel Pereira: op. cit., pág. 283).

(221) A observação de Lima Barreto é exata. Vez por outra, entretanto, havia nessas revistas e nesses literatos um lampejo de intuição. Olavo Bilac, por exemplo em sua crônica na *Kosmos* de 2 de fevereiro de 1905, o seu segundo número, escrevia, a respeito da revolução na Rússia: “Houve, durante um mês um acontecimento de interesse universal, que apaixonou e comoveu todas as almas. Foi a revolução do proletariado russo, revolução afogada em sangue, reprimida e jugulada a chicote e a bala”. Percebia o ciclo das revoluções “dos escravos contra os senhores”, que começava: “A verdade é que, quando uma causa social consegue apaixonar desse modo a totalidade dos homens civilizados, o seu definitivo triunfo está próximo”.

(222) Os originais do *Isaiás Caminha* foram entregues, em Lisboa, ao editor A. M. Teixeira, da Livraria Clássica, que apreciaria esse “livro de intriga jornalística fluminense”, como ele mesmo diria, esperançado de escândalo publicitário; estava disposto a publicá-lo, “desde que o autor abrisse mão dos direitos autorais”. Lima Barreto, humilde e modesto, abriu mão: “Sabendo eu de que modo a fortuna de um primeiro livro é arriscada, nada exijo pela publicação do meu, a não ser